

OS DESAFIOS DO ENSINO E APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO COM AS AULAS REMOTAS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Data de aceite: 01/09/2023

Jéssica da Cunha Carvalho

Graduada em Pedagogia no Centro Universitário Adventista de São Paulo

Mariana Cristina Pestana

Graduada em Pedagogia no Centro Universitário Adventista de São Paulo

Dayse Neri de Souza

Docente do Mestrado Profissional em Educação e do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Adventista de São Paulo-UNASP-EC e Membro do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores-CIDTFF

RESUMO: Com o surgimento da nova cepa do coronavírus COVID-19, houve transformações em nossa sociedade em diversas áreas, bem como na educação. Este trabalho tem como base trazer um estudo sobre os desafios causados no processo de ensino e aprendizagem das professoras da educação básica de uma escola pública na área da alfabetização, com o uso da tecnologia por meio de aulas remotas no período da pandemia. Foram grandes desafios para a escola, professores, alunos e familiares. Pesquisa qualitativa, tendo como procedimento de coleta de

dados entrevistas junto às professoras da Rede Municipal do ciclo de alfabetização. A análise dos dados foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), com o apoio do software webQDA. Os resultados revelaram que as professoras enfrentaram diversos desafios, como a falta de equipamento tecnológico, dificuldade de acesso à internet, negligência dos pais no apoio das atividades junto às crianças, dificuldade na devolutiva das atividades, bem como o despreparo dos pais na realização das atividades com as crianças. No entanto, foi possível elucidar o empenho das professoras na diversidade de estratégias e meios tecnológicos para colmatar as lacunas no processo de alfabetização. Assim, conclui-se que houve o enfrentamento dos desafios pelas professoras, mas algumas crianças não foram alfabetizadas durante o período pandêmico. Portanto, ainda não se sabe se daqui a 20 anos será possível ver rastros da pandemia na educação, mas esperamos que seja provisionados os efeitos atuais na alfabetização para evitar futuros desafios.

PALAVRAS-CHAVE: Desafios; aulas remotas; ciclo de alfabetização; ensino e aprendizagem; pandemia do COVID-19.

INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020, a sociedade enfrentou uma das maiores crises sanitárias da história, ocasionada pela pandemia do Covid-19. Diante deste acontecimento, grandes foram as repercussões sociais, entre elas, a reestruturação do ensino educacional. O Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi a alternativa proposta pelo sistema de educação que tomou feições diferenciadas em diversas redes escolares.

Esta pandemia, que se alastrou mundialmente, impactou a sociedade brasileira, exigindo medidas de controle para a diminuição de infecções. O Governador do estado de São Paulo, João Doria, no uso de suas atribuições legais, nos termos declarados pela Organização Mundial da Saúde, sob o decreto de nº 64.862/20 (BRASIL, 2020), suspendeu as aulas presenciais em escolas e universidades.

A primeira recomendação decretada foi o uso de máscaras e distanciamento social rígido como forma fundamental para evitar o aumento de casos e demandas por atendimento nos hospitais, postos de saúde, entre outros, afetando mais de 90% do público discente global (UNESCO, 2020). O surto, definido como a maior interrupção da aprendizagem da história (UNESCO, 2020), trouxe a paralisação das atividades em salas de aula para quase 1,6 bilhão de estudantes em mais de 190 países. Diante dessa situação, surgiram novos desafios aos gestores, professores e familiares que tiveram que se adequar ao ensino remoto, para manter o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes sem perda do vínculo com a escola.

Com as escolas fechadas, as aulas tiveram que ser reestruturadas para modo virtual. Poucos foram os professores que possuíam conhecimentos apropriados para lidar com a educação a distância, com isso os efeitos foram mais visíveis na educação básica de escolas públicas. Chama-se a atenção para o caso da alfabetização, fase significativa que insere a criança no mundo letrado e isso deve ocorrer de forma tranquila, como parte do cotidiano da criança, trabalhando de forma que possibilite a relação entre a escola e a vida.

Durante a pandemia do COVID-19, a alfabetização teve que ser adaptada ao uso das tecnologias (aulas remotas), o que tornou o trabalho dos professores difícil, já que nesse processo inicial é importante o contato do professor e aluno. Segundo Nogueira e Silva (2018, p. 164), é no momento de diálogo que as crianças são inseridas no mundo letrado. Nas palavras dos autores:

Em momentos de cuidados corporais, olhar nos olhos, o toque afetuoso, isso desenvolve uma parceria e autoconfiança, o que permite a eles dar-se conta de si mesmo, assim conseguem expressar-se de forma segura e prazerosa, e conseguem de fato um desenvolvimento social psíquico considerado positivo, analisando a faixa etária e o grupo ao qual está inserido.

Com o uso de tecnologias, esse contato pessoal foi interrompido, e outros métodos tiveram que ser estudados, adotados e aplicados para colmatar essa afetividade. Sabe-se da importância dessa fase educativa, a fim de participar integralmente da sociedade

contemporânea, e a necessidade da escolarização e a alfabetização de todos os indivíduos.

A mediação pedagógica possui um componente afetivo, ou seja, nada substitui o contato com a criança como o olhar, a palavra de estímulo e ações que fazem parte do processo e permitirão que, um dia, possam ler e escrever com autonomia, sem ajuda, como afirma Vygotsky (1988, p.98): “aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”.

Mediante isso, o papel da escola deve ser sempre o de acolher a criança, ampará-la, e favorecer sua autonomia. Soares (2020, p. 11) explica que:

A alfabetização não é a aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um processo da representação, em que os signos (grafemas) representam, não codificam, os sons da fala (os fonemas). Aprender o sistema alfabético não é aprender um código, memorizando relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notação com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala, os fonemas.

Destaca-se que ninguém estava preparado para lidar com dois anos de pandemia. Professores, alunos e familiares se viram frente a frente com um “monstro” desconhecido tendo que se reinventar e se desdobrar para que as crianças conseguissem manter seus estudos em dia. Santos (2020, p.10) afirma que “a pandemia é uma alegoria. Um sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível”.

Esse novo desafio do ensino trouxe dificuldades tanto para as crianças como para pais e professores. Hoje em dia, as crianças sabem utilizar a internet para jogos, vídeos engraçados, filmes e desenhos, mas, no entanto, para estudar, muitas não conseguem utilizar essa ferramenta de forma adequada. Acredita-se que a tecnologia se utilizada da maneira correta pode ser uma grande aliada para o aprendizado. Segundo Moran (1995, *apud* MAINART; SANTOS, 2010, p. 4):

A concepção de ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis. A presença dos recursos tecnológicos na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores.

Entretanto, nem todas as crianças têm apoio para aprender a utilizá-la da maneira correta, e muitas sequer possuem acesso à internet em casa. De acordo com Cunha (2020), nem todos os municípios possuem o luxo tecnológico para oferecer um ensino de forma remota, além do mais os professores não possuem formação adequada para ministrar vídeo aulas nas plataformas da internet.

A desigualdade tornou-se um obstáculo nos estudos de muitos alunos, visto que nem todos puderam ter as mesmas oportunidades de aprendizagem. De acordo com o relatório educacional do *World Bank* (BANCO MUNDIAL, 2022), o vírus do COVID-19 trouxe um

impacto negativo na educação em todo o mundo. Os dados do Centro do Professor Paulista¹ também revelam que o ensino com uso de tecnologias assumiu um grande papel durante esse tempo pandêmico, porém não muito eficaz, pois os efeitos podem ser duradouros deixando rastros na educação que perpetuará por muito tempo.

No caso do professor, teve que mudar a forma de mediar o ensino, utilizando os mais variados recursos tecnológicos, a saber: falar na frente da tela de um computador, gravar um vídeo sobre determinada aula, enviar folhinhas simples de atividades para que os alunos façam em casa, não foram suficientes para que o aprendizado fosse pleno, num contexto em que nem todos os alunos estavam em patamares iguais.

De acordo com a análise e relatórios realizados por uma estagiária do PIBID² os professores utilizaram como meios e recursos: slides que chamassem atenção, recursos visuais de músicas e vídeos, mandar para casa dos alunos kits de jogos de alfabetização, gravar aulas que fossem animadas, para incentivar a criança querer estar ali para assistir, para que o ensino fosse proposto de forma que despertasse a curiosidade, explorando os sentidos, a sensibilidade de forma lúdica num espaço de criatividade, exercícios de imaginação, criatividade, alegria e prazer de forma que todas as crianças pudessem ser atendidas, até mesmo as que não tinham acesso à internet.

Diante deste cenário, emergiu as seguintes questões: Como os professores alfabetizadores enfrentaram os desafios das aulas remotas nesse período, e ainda assim terem êxito no processo de alfabetização? Quais podem ter sido os prejuízos da falta de vínculo presencial entre os professores e os alunos, tendo em vista que nesta fase as crianças estão em uma etapa crucial de seu desenvolvimento escolar? Quais possíveis impactos na alfabetização e leitura a pandemia pode ter causado na fase inicial de aprendizado da criança?

O interesse pelo tema surgiu proveniente da vivência do estágio de Pedagogia realizado em uma escola pública no Município de Engenheiro Coelho, em que as autoras estiveram presentes desde o início da pandemia até abril de 2022, podendo experienciar de perto os desafios que as crianças e os professores enfrentaram durante o período pandêmico. Perante esse contexto, o objetivo foi analisar os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem dos professores da educação básica de uma escola pública na área da alfabetização, com o uso de métodos e tecnologia por meio de aulas remotas no período da pandemia.

Esta pesquisa traz uma grande discussão acerca do tema, com um olhar sobre a alfabetização no período pandêmico, contribuindo para a compreensão e análise de possibilidades que foram e estão sendo adotadas, bem como podendo ajudar professores que estão lidando com alunos que vivenciaram a alfabetização inicial durante a pandemia.

1 Centro do Professor Paulista: associação de classe que representa os profissionais do magistério, ativos e aposentados, no estado de São Paulo. Link de acesso: <https://www.cpp.org.br/>
2 PIBID: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Desta feita, o objetivo que permeou a pesquisa foi analisar os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem das professoras da educação básica de uma escola pública na área da alfabetização, com o uso de métodos e tecnologia por meio de aulas remotas no período da pandemia.

A pesquisa é de natureza qualitativa, tendo como método o estudo de caso, utilizando como coleta de dados entrevistas junto as professoras da rede municipal de ensino em uma cidade no interior de São Paulo, no ciclo de alfabetização. Em seguida, foi feita uma análise de conteúdo com o apoio do software webQDA, para compreender as possíveis consequências atuais e futuras, causadas pela pandemia na área de alfabetização na educação brasileira.

Para a realização da pesquisa foram cumpridos os aspectos éticos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e aprovado sob o parecer de número 4.717.565

ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A educação no Brasil teve início no período colonial, por volta de 1550 com a chegada dos padres jesuítas, trazidos pelos portugueses. Eles tinham a missão de converter os índios ao cristianismo e trouxeram um modelo de educação baseado na moral e nos valores religiosos. Era uma educação impositiva que desconsiderava a cultura e saberes dos índios, que eram vistos como uma folha em branco. Dessa forma, a igreja católica tinha grande domínio sobre a educação no Brasil nesse período. Não havia ainda muitas definições nem preocupação com métodos de ensino. Mas, com os movimentos de formação da República isso começou a mudar (MORTATTI, 2006)

Assim, educação no Brasil, foi evidenciada ao trazer com grande responsabilidade para as escolas, o preparo de bons cidadãos, isto é, as crianças deveriam então aprender a ler, escrever e ter conhecimentos básicos de matemática, tornando-se habilidade necessária passando a proibir o voto para pessoas analfabetas.

Foi nesse contexto em que a escola em que eram poucas, foi cada vez mais se desenvolvendo, com salas que abrigavam alunos de diferentes séries e idades em um só ambiente. Não existia na época nada que pudesse conduzir e organizar as práxis de ensino, especialmente nada que instrísse os professores sobre quais materiais seriam mais adequados para alfabetizar as crianças. Nesse contexto, surgiu o método sintético, baseado no aspecto da soletração, silabação e fônico (MORTATTI, 2006, p.5).

Subsequentemente, uma das primeiras cartilhas a chegar no Brasil, era conhecida como Cartilha Maternal, cujo nome é “a arte da leitura”, esse método de alfabetização foi criado por João de Deus em 1876 e consistia em mostrar o alfabeto e seus componentes, Mortatti (2006) afirma que:

Diferentemente dos métodos até então habituais, o “método João de Deus” ou “método da palavração” baseava-se nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois

analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras. Por essas razões, Silva Jardim considerava esse método como fase científica e definitiva no ensino da leitura e fator de progresso social (MORTATTI, 2006, p. 6).

O método tinha como principal aspecto o ensino dos sons de cada letra onde consequentemente formariam as palavras. Essa técnica era baseada nas cópias e nos ditados e valorizava-se muito a caligrafia. A segunda fase da alfabetização no Brasil iniciou-se no começo do século XX. Começaram então a pensar mais em métodos de ensino e passaram a utilizar mais o termo “alfabetizar” que consistia no ensino da leitura e escrita ao mesmo tempo.

Diante disso, professores começaram a questionar o método sintético e saíram em defesa do método analítico, conhecido como “método olhar e-dizer” pressupõe que o ensino da leitura teria que ser iniciado em sua totalidade, para depois, seguir para as partes constitutivas, ou seja, o educando retira palavras de uma frase, para depois dividi-las em sílabas (FERNANDES, 2022, p.5).

A terceira etapa marcou o país de maneira positiva, trazendo grandes mudanças na educação. Consistiu no método analítico-sintético com pauta na “Reforma Sampaio Dória”. No momento, o Brasil exigia uma maneira nova de alfabetização. Surgiram então as conhecidas “aulas régias”, e ensinava-se através da cartilha do ABC, o mais tradicional e antigo método. Na época eram utilizados diferentes métodos:

Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras (MORTATTI, 2006, p.5).

Com isso, começou nessa época a utilizar-se de bases da psicologia científica, submetendo crianças a fazerem testes mais conhecidos como testes do ABC, utilizado para verificar o desempenho e a maturidade necessária para o aprendizado da escrita e leitura dividindo as crianças em “mais fracos”, “medianos”, e “fortes”, em que eram testados nas crianças a coordenação motora, a memória e a concentração. Afirma Mortatti (2006, p. 9) que:

Bases psicológicas da alfabetização contidas no livro Testes ABC para verificação a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita (1934), escrito por M. B. Lourenço Filho. Nesse livro, o autor apresenta resultados de pesquisas com alunos de 1º grau (atual 1ª série do ensino

fundamental) que realizou com o objetivo de buscar soluções para as dificuldades de nossas crianças no aprendizado da leitura e escrita. Propõe, então, as oito provas que compõem os testes ABC, como forma de medir o nível de maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, a fim de classificar os alfabetizados, visando à organização de classes homogêneas e à racionalização e eficácia da alfabetização.

Tinha-se em mente que se as crianças não estivessem maduras o suficiente não estariam prontas para serem alfabetizadas. A última fase se iniciou no ano de 1980 e as cartilhas começaram a sair de cenário. nesse período, houve transformações políticas e sociais, o que se deu a restauração da democracia e criação do construtivismo. Foi nesse ano em que a terminologia “letramento” surgiu, expandindo o pensamento que se tinha acerca do ensino da leitura e escrita, incluindo também o contexto social em que os alunos viviam (MORTATTI, 2006, p.10).

Nesse período o método do psicólogo epistemólogo Jean Piaget, ficou conhecida. Essa metodologia defende que os alunos possam participar ativamente na educação. As teorias de Ana Teberosky e Emília Ferreiro começaram a ser utilizadas, em que o foco principal de seus estudos era no que e como a criança estaria aprendendo.

A alfabetização no Brasil, conduziu pensamentos acerca da significação do que é ser alfabetização. No século XIX, uma pessoa que escrevia e lia o seu nome, podia ser considerada alfabetizada. Porém no século XX esse ponto de vista mudou, passando-se a exigir mais para que uma pessoa fosse considerada alfabetizada, além de saber seu nome, ou seja, a pessoa deveria saber escrever pelo menos um simples bilhete. No encaixe de uma melhor metodologia de alfabetização, criou-se então o método analítico, seguindo a logicidade adversa. Nesse método, a leitura era instruída através de textos e sentenças que possuíam um sentido e depois consistiam em apresentar as partes de sílabas, letras e palavras. (MORTATTI, 2006, p. 5)

Atualmente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) estipula que as crianças deverão ser alfabetizadas nos primeiros dois anos do Ensino fundamental para que as crianças consigam articular a escrita alfabética a outras habilidades e a sua desenvoltura no que tange a prática de letramento. Segundo a BNCC e o parecer CNE/CEB nº 11/201029: “os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2018, p. 824).

Seguindo esse conceito, os professores juntamente com a gestão, devem ficar atentos sobre os conteúdos modernos na prática em sala de aula. Diante do cenário precário da educação brasileira, um levantamento feito pela formação geral básica (FGB), apontou no ano de 2019 que a taxa de crianças que estavam fora das escolas foi de 1,39% e no ano seguinte da pandemia essa taxa saltou para 5%. Além disso, no ano de 2019 os percentuais de crianças negras e pardas entre 6 e 7 anos que não sabiam ler e

escrever eram de 28,8% passando para 47,4% em 2021. Com relação as crianças brancas, o aumento foi apenas de 20,3% para 35,1%. No entanto, já entre as crianças mais pobres, o percentual é de que elas não haviam sido alfabetizadas, tendo um aumentou de 33% para 51%. Com esses resultados, podemos perceber as consequências da pandemia na educação para as crianças, principalmente as mais pobres.

Fochi (2020) salientam que na situação atual de pandemia, evidenciou-se o quão turvo é a visão da sociedade sobre a educação infantil, os desafios que ela enfrenta, como é realizada e quão sensível é a educação nessa etapa, forçando uma necessidade de elucidar a Escolaridade Básica.

Sabendo da importância dos anos iniciais na formação educacional das crianças e diante dos dados que comprovam as consequências e problemas no sistema educacional em muitos países agravados com a chegada da pandemia, tal como o Brasil, o artigo define a aprendizagem da seguinte forma: “A escola deve tentar amenizar o impacto do confinamento, a partir de recomendações que visam consolidar o que foi aprendido e interromper o ensino de novos conteúdos, eliminando a pressão aos pais e responsáveis que auxiliam os estudantes nesse momento” (LAGUNA *et al*, 2021, p.10).

Para Faustino e Silva (2020), a pandemia deixa um clima de incerteza na educação. E de acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2022), 90% dos estudantes foram impactados de alguma maneira, levando as escolas a organizarem meios e estratégias para migrar para o ensino com o uso das tecnologias digitais. Muitas escolas optaram pelas plataformas digitais por meio do ensino remoto. Segundo Moreira e Schlemmer (2020, p. 9), no ensino remoto:

[...] o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza videoaulas ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de web conferência. Dessa forma, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. No ensino remoto ou aula remota o foco está nas informações e nas formas de transmissão dessas informações.

O professor que normalmente já enfrenta muitos desafios no cotidiano em sala de aula, foi obrigado a se reinventar, pois, as aulas não foram suspensas e sim substituídas pelo “ensino remoto”, termo pouco utilizado no Brasil até o início da pandemia. Muitos professores tiveram dificuldade pois não estavam preparados e nem capacitados para atuar nesta modalidade de ensino.

Tendo em vista que os materiais tecnológicos eram poucos utilizados nas escolas, muitos tiveram que aprender a utilizar dessa nova metodologia sendo ensinada de forma

inovadora e diferenciada para uma melhor e maior compreensão dos estudantes. Além das dificuldades materiais, muitos dos alunos estavam sendo impactados psicologicamente e emocionalmente com crises de ansiedade, estresse, insônia, sofrimento com a incerteza e com muitas perdas que tiveram por conta a pandemia do COVID-19 (BARBOSA, MELO, CUNHA, ALBUQUERQUE, COSTA, 2021).

A sobrecarga profissional exigiu mais do professor tendo em vista que ficou ligado ao trabalho em todo tempo, até fora do horário, inclusive fora do horário regular e nos fins de semana. Observando a alfabetização em uma perspectiva história, desde a década de 1970, podemos ver que a pandemia trouxe à tona muitos problemas da alfabetização que foram maximizados.

Mesmo em tempos de aulas e atividades normais já surgiam nos professores a inquietação sobre o que fazer, quais métodos utilizar, trazendo reflexões sobre a missão da escola que é precisamente a de ensinar a ler e escrever e parece que os professores vêm enfrentando dificuldades em cumprir esse papel. Possivelmente, crianças de 6 a 10 anos de idade foram as que sentiram mais impacto da exclusão escolar, justamente pelo processo de alfabetização que é um momento insubstituível.

De acordo com as características da primeira infância, as crianças possuem plasticidade cerebral na fase inicial, isso nos dá uma esperança de que podem ainda haver aprendizagem e mudanças, e podem ser feitas para que os efeitos da pandemia não sejam tão graves no futuro. Segundo Santana (2022) É preciso ter uma maior atenção às crianças que apresentam algum tipo de dificuldade, principalmente nessa transição entre aulas online e presenciais. Mas, é comprovado que as crianças têm uma capacidade imensa de aprender novos conhecimentos graças à neuroplasticidade.

O fechar das escolas foi um momento de paralisação, mas mesmo com todas as dificuldades, os professores se esforçaram para superar tudo e dar o seu melhor pela educação. Houve a necessidade de os alunos ocuparem espaços diferentes nas suas casas para assistirem as aulas, os responsáveis tiveram participação ativa na vida de seus filhos, comprovando a importância e necessidade pedagógica do envolvimento deles na aprendizagem dos filhos. Com a pandemia foram abertos os olhos sobre a importância do aprender, das escolas e dos professores na vida das crianças e como juntos enfrentar os novos desafios e possibilidades.

Diante disso, surgiram novos meios de ensino-aprendizagem com o uso das tecnologias. A educomunicação surgiu para que pudesse orientar as práticas que beneficiam a participação dos alunos como reflexão dos educadores e estudantes e unir duas áreas: educação e a comunicação. Gómez (2014) afirma que “os novos participantes na comunicação têm de aprender a ser comunicadores. E isso é um desafio complexo, político, cultural e socioeconômico, mas que começa com a comunicação e a educação” (GÓMEZ, 2014, p.33).

A educomunicação é um campo investigativo que permeia as ciências da Educação

e da Comunicação, e propõe uma intervenção a partir da educação para e com a mídia. A educomunicação é um paradigma que norteia ações inovadoras entre essas duas áreas de estudo e nesse cenário atual de pandemia, apresenta-se como uma ferramenta que possibilita o protagonismo neste processo de ensino e aprendizagem com criticidade e superação (BRITO et al., 2020).

RESULTADOS

A pesquisa foi de cariz qualitativo, com a realização de entrevistas semiestruturadas a quatro professoras de uma escola da rede pública municipal da cidade de Engenheiro Coelho localizada no interior do estado de São Paulo. A análise dos dados qualitativos seguiu a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), com o apoio do software webQDA.

Os resultados alcançados serão apresentados a partir dos objetivos propostos no estudo, por meio de tabelas, contendo o número de unidades de textos que emergiram das entrevistas. As categorias de análise foram definidas *a priori* (cf. Figura 1), enquanto as subcategorias de análise emergiram das falas das participantes. Os dados foram inseridos no software webQDA, o qual contribuiu para a organização e sistematização da análise de conteúdo.

A coleta de dados por meio de entrevistas às professoras voluntárias, foi realizada no mês de outubro de 2022, por meio do aplicativo WhatsApp, escolhido pelas participantes, no sentido de viabilizar a participação diante da impossibilidade de as entrevistas serem realizadas na modalidade presencial. O roteiro de entrevista foi composto por 21 questões desde a caracterização do perfil das participantes, como questões acerca dos desafios causados no período da pandemia, acerca do processo de ensino e aprendizagem dos professores na área da alfabetização da educação básica com o uso da tecnologia por meio de aulas remotas. As quatro professoras participantes na faixa etária de 33-58 anos de idade, foram dos anos iniciais do Ensino Fundamental 1 (1º ano, 2º ano e 3º ano).

A apresentação dos resultados seguirá a sequência a partir dos objetivos específicos do estudo. Para tanto, foi utilizado o elemento “Questionamento” do software webQDA, em que possibilita questionar os dados por meio de relações entre os atributos do perfil das entrevistadas e as categorias e subcategorias de análise por meio de matrizes.

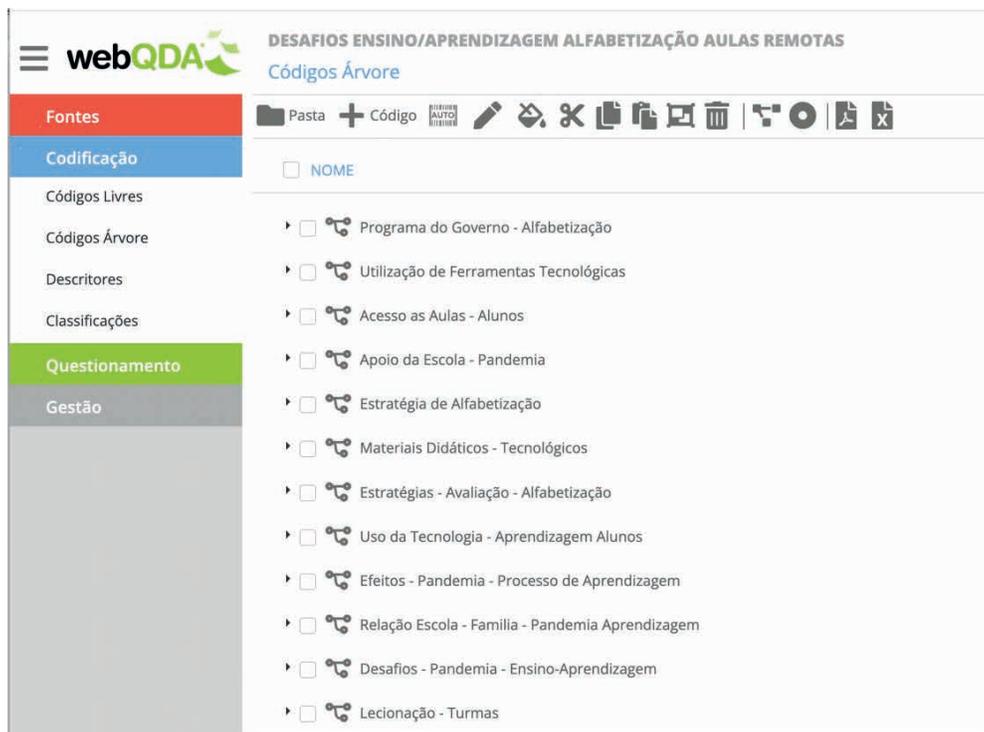


Figura 1 - Categorias de Análise

Fonte: elaborado pelas autoras

A apresentação dos resultados por categorias e subcategorias de análise correspondem ao principal objetivo do estudo, analisar os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem das professoras da educação básica de uma escola pública na área da alfabetização, com o uso de métodos e tecnologia por meio de aulas remotas no período da pandemia.

Os resultados do objetivo específico analisar os impactos e o nível de alfabetização dos alunos dos anos iniciais pós-pandemia, serão apresentados na tabela 1, que evidencia a relação entre o atributo Formação Inicial das professoras e a opinião sobre a Utilização das ferramentas tecnológicas.

Formação inicial	Palma Escola	Live	Gravação de vídeos	ZOOM	Grupos do WhatsApp	Google Classroom
Ciências biológica, criminalista e medicina legal	0	0	1	1	4	0
Bacharel em Direito	0	0	1	1	2	1
Magistério com Habilitação	0	0	1	0	3	0
Pedagogia	1	1	2	2	1	0
TOTAL	1	1	5	4	11	1

Tabela 1 - Relação entre a Formação inicial e a Utilização de Ferramentas Tecnológicas

Fonte: elaborado pelas autoras

Relativamente a tabela 1, os resultados ressaltam que na relação entre o atributo das entrevistadas Formação Inicial e a categoria de análise Utilização de Ferramentas tecnológicas, percebe-se que a entrevistada que fez Pedagogia como formação inicial fez o uso de mais ferramentas Tecnológicas. No entanto, a ferramenta tecnológica mais utilizada por todas a entrevistadas como é analisado na totalidade das unidades de texto/referências (10) foi o WhatsApp, com um total de 10 unidades de texto, bem como as gravações de vídeos com 5 unidades de texto e o uso do ZOOM com 4 unidades de texto. Como reforço aos resultados, notificamos algumas falas.

[...], depois aí o que aconteceu, é começamos a mandar atividade pelo WhatsApp, né vídeos bem curtos pra não acabar com pacote de dados da da família né, e explicação via áudio, texto. (LC)

Na época da pandemia as estratégias para acompanhar os alunos foram pequenos vídeos, já que muitos não tinham acesso a produções mais longas (HB)

Usamos para os recursos, como inserção de vídeos, a questão mesmo de grupos do WhatsApp, plataformas zoom, Clasroom (HB)

Ante a pandemia, as ferramentas tecnológicas foram grandes aliadas para a lecionação das aulas. Segundo Vollbrecht (2001, p. 41), a alfabetização midiática não representa somente a aquisição de certas habilidades, tais como o uso de um programa de computador específico; mas, além disso, representa a possibilidade de aprender sobre qualquer programa, em perspectiva geral. Vollbrecht (2001), portanto, entende a alfabetização midiática como a construção de estruturas cognitivas que permitem às pessoas à utilização das mídias como quiserem (criativamente) e não se comprometendo com uma ação específica ou preordenada.

Formação Continuada	Defasagem na Aprendizagem	Aspectos psicológicos	Valores familiares	Necessidade de Socialização
Letras - Inglês e Biologia	6	1	0	2
Libras e Inclusão	3	0	0	1
Educação especial	5	2	0	1
TOTAL	14	3	0	4

Tabela 2 - Relação entre Formação continuada e Efeitos Pandemia - Processo de Aprendizagem

Fonte: elaborado pelas autoras

Os resultados apresentados na tabela 2 acerca da relação entre o atributo Formação Continuada e a categoria Efeitos Pandemia no processo de aprendizagem dos alunos, é bastante revelador. Verificamos que as professoras, mesmo com áreas da formação continuada diversificada, foram concordantes em afirmar num total de 14 unidades de texto, que houve defasagem na aprendizagem dos alunos durante a pandemia e pós-pandemia. Destacando ainda o reconhecimento na perda da socialização, com 4 unidades de texto, tão importante nesta fase da aprendizagem escolar, bem como 3 unidades de texto referentes aos aspectos psicológicos deixados por este terrível período. Como exemplo, apresentamos algumas falas das participantes.

Eles estavam muito desinteressados e outra a concentração deles na sala de aula tinha diminuído né, provavelmente porque eles ficaram em casa muito tempo na televisão, celular, e isso acostumou, então quando chegava na sala de aula a a concentração era pouquíssima, então até hoje tanto aqui como nas outras escolas a alfabetização tem sido gradual, muito devagar. (LC)

[...], teve bastante criança que não tinha dúvida, mas tinha ansiedade em relação à própria pandemia. (JC)

[...], mas os 20 anos que a gente vai enfrentar daqui por diante, é em relação à defasagem de aprendizagem e também em relação aos aspectos psicológicos num não tem preço. (JC)

Sendo assim, perante a os efeitos negativos da pandemia no que tange aos aspectos psicológicos e ao processo de aprendizagem. Linhares e Enumo (2018) afirmam que:

Quando a criança é exposta por tempo prolongado a situações adversas pode haver impactos no desenvolvimento devido aos processos de estresse, podendo ter como consequência a hiper vigilância e exaustão. Isso quer dizer que, em ambientes caóticos há o predomínio do estresse tóxico, que ao contrário do estresse positivo se caracteriza pela exposição prolongada a agentes aversivos, sem a presença de fatores de proteção, os quais poderiam amainar os efeitos negativos (LINHARES; ENUMO, 2018).

Acerca do objetivo conhecer o uso das tecnologias por meio de aulas remotas utilizadas pelas professoras e sua eficácia durante o período de pandemia, a tabela 3 evidencia os resultados sobre o atributo Anos de docência e a categoria Materiais didáticos

e tecnologia.

Anos de Docência	Apostila Escrita	Vídeo	Vídeo chamada	Livro didático	Atividade Impressa
20 anos	0	1	0	1	0
28 anos	0	0	0	3	4
10 anos	0	1	0	0	0
18 anos	3	1	2	0	0
TOTAL	3	3	2	4	4

Tabela 3 - Relação Anos de Docência e Materiais didáticos tecnológicos

Fonte: elaborado pelas autoras

Analisando a tabela 3, os resultados mostram que na relação entre o atributo das professoras Anos de Docência e a categoria de análise Materiais didáticos tecnológicos, foram citados alguns materiais didáticos tecnológicos utilizados pelas professoras, no sentido de colaborar com o processo de aprendizagem dos alunos. Os mais mencionados foram apostila escrita e o uso de vídeos com 3 unidades de textos respectivamente e o uso do livro didático e atividade impressa com 4 unidades de texto cada subcategoria de análise. À luz desta inferência, apresentamos algumas falas das participantes.

[...], através dos portfólios que a gente programava, durante a semana, a gente montava, colocava tudo em saquinho plástico e deixava na escola pros pais irem buscar, e assim fazia essa troca. (MF)

[...], que eles vinham buscar na minha casa, eu deixava disponível na frente de casa para cada um retirar a sua apostila. (JC)

É considerável elucidar que 3 professoras com anos de docência 20 anos, 10 anos e 18 anos revelaram que apesar das dificuldades com acesso às tecnologias utilizaram recursos de vídeo para tentar atenuar os desafios apresentados pelas aulas não presenciais, tentando inserir as novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem para assim agregar novas possibilidades:

Eu fazia ou vídeo ou as videochamadas com eles pra tá explicando, e sempre eu deixava o canal de comunicação aberto o dia inteiro até à noite né, caso alguém estivesse alguma dúvida. (JC)

No que se refere a utilização de materiais didáticos - tecnológicos durante a pandemia, embora com impedimentos acerca do acesso à tecnologia, foi imprescindível saber dominar as tecnologias de comunicação, papel importante para o educador, e o fato da educomunicação tem apresentado dados crescentes. Rodrigues (2020) afirma que:

O objetivo maior da formação de professores para o uso pedagógico [...] não pode estar limitado ao domínio instrumental dos recursos tecnológicos. Entretanto, este domínio é essencial como primeiro passo. É preciso aprender a utilizar as ferramentas antes de aplicá-las com finalidades educacionais. (RODRIGUES, 2020, on-line)

Os resultados acerca da percepção das professoras sobre as estratégias usadas para alfabetização dos alunos durante a pandemia, a tabela 4 apresenta por unidades de texto.

Anos de Docência	Atividades Curiosidade	Socialização com os colegas	Atividade com o ambiente da casa	Produção de vídeos	Dúvidas WhatsApp
20 anos	0	0	0	1	2
28 anos	0	0	0	0	0
10 anos	0	0	0	0	1
18 anos	2	2	2	1	0
Total	2	2	2	2	3

Tabela 4 - Relação Anos de Docência e Estratégia de Alfabetização

Fonte: elaborado pelas autoras

Concernente a tabela 4, os resultados apontam que na relação entre o atributo das professoras Anos de Docência e a categoria de análise Estratégia de Alfabetização, a estratégia utilizada para colmatar o processo de alfabetização utilizado foi o uso da plataforma WhatsApp, conforme o total de unidades de texto/referências (3). Entretanto, é pertinente mencionar que a professora com 18 anos de docência totalizou 7 unidades de texto ao declarar a utilização de estratégias adicionais como atividades de curiosidade, socialização com colegas, atividade com o ambiente da casa e produção de vídeos. Acredita-se que o uso diversificado das estratégias da professora com 18 anos de docência, justifica-se pelo fato de ter formação continuada na área da educação especial e na área das tecnologias. As falas a seguir afirmam os resultados.

[...], tirando as dúvidas via WhatsApp. (HB)

Recebi o apoio sim da escola, é... estratégias sempre foram envolver as crianças é... em vídeos né, em brincadeiras que eles tinham que realizar em casa, então se nós estávamos aprendendo a letra "c", eles procuravam objetos com a letra "c" em casa. (JC)

Acerca do uso de estratégias diversificadas para alfabetização e com o uso das tecnologias, Mercado (1999, p. 27), declara que a possibilidade de aprender:

As novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, a diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

Ao analisar os resultados da percepção das professoras referente a verificar os métodos utilizados pelos professores para que o ensino e aprendizagem fosse realizado durante a pandemia, a tabela 5 revela a relação entre o atributo Anos de docência e a

categoria de análise Acesso às aulas pelos alunos.

Anos de Docência	Tinham acesso às tecnologias	Residência Longe da zona escolar	Dificuldade de acesso - Equipamento	Único equipamento para família	Não tinham recursos
20 anos	0	0	0	0	2
28 anos	0	1	0	0	3
10 anos	0	1	0	0	3
18 anos	1	0	0	1	1
TOTAL	1	2	0	1	10

Tabela 5 - Relação entre os Anos de docência e Acesso às aulas pelos alunos

Fonte: elaborado pelas autoras

Acerca dos resultados da tabela 5, a relação entre o atributo das entrevistadas Ano de docência e a categoria de análise Acesso às aulas pelos alunos, verificamos que na totalidade das unidades de texto/referências (10), as entrevistadas confirmaram que os alunos não tinham recursos tecnológicos para acesso às aulas durante a pandemia. No entanto, é importante destacar que 2 professoras com anos de docência 28 anos e 10 anos, salientaram que os alunos tinham residência longe da zona escolar. Possivelmente dificultando aos pais a aquisição do material impresso/apostila. A seguir, apresentamos as falas das entrevistadas que enfatizam o resultado.

[...], as crianças não tinham celulares ou tablet, e compartilhavam esse material muitas vezes com outros irmãos e com os pais (HB)

Bom, no tempo de pandemia, foi muito difícil, porque nem todas as crianças tinham contato com a internet e a tecnologia. (MF)

Esta realidade sobre a dificuldade dos alunos no acesso às aulas remotas, no período de pandemia, Moreira e Kramer (2007) assinalam que é preciso refletir sobre as relações entre escola e tecnologia, e sobre a desigualdade e o meio de acesso, principalmente entre as escolas privadas e públicas, criando um grupo de incluídos e excluídos. Assim, diante da dificuldade dos alunos no acesso às aulas remotas, no período de pandemia, Tenente (2020) assinala que:

A estratégia adotada escancara a desigualdade e as dificuldades enfrentadas pelos estudantes e professores de colégios públicos: acesso limitado à internet, falta de computadores e de espaço em casa, problemas sociais, sobrecarga de trabalho docente e baixa escolaridade dos familiares. (TENENTE, 2020, on-line).

Por fim, apresentamos os resultados relacionados ao avaliar os desafios enfrentados pela pandemia e os impactos na alfabetização de crianças dos anos iniciais.

Formação Continuada	Negligência da Família - Atividades	Insuficiência de Aprendizagem dos Alunos	Despreparos dos Pais - Holístico
Letras - Inglês e Biologia	0	4	0
Libras e Inclusão	0	1	1
Educação especial	1	2	5
TOTAL	1	7	6

Tabela 6 - Relação entre a Área de Formação continuada e os Desafios Pandemia - Ensino Aprendizagem

Fonte: elaborado pelas autoras

Analisando a tabela 6, podemos observar que na relação entre o atributo das professoras Área de Formação continuada e a categoria Desafios Pandemia - Ensino Aprendizagem, emergiram 3 subcategorias de análise/desafios durante as entrevistas. Observamos que mesmo com formações continuadas diversificadas, os resultados revelam uma concordância entre as participantes, quando enfatizaram que os principais desafios enfrentados foram a insuficiência de aprendizagem dos alunos com 7 unidades de texto e o Despreparo dos pais com 6 unidades de texto.

Os principais efeitos foram a falta de concentração, a escrita, a leitura, que antes você é... alfabetizava a criança um pouco mais rápido, hoje está demorando muito porque a falta de concentração. (LC)

[...] então, o desafio que eu tinha era que as crianças já é eram desmotivadas é... em relação a sua aprendizagem. (JC)

[...] as crianças, teve que recomeçar todo o processo novamente, até aquelas crianças que já são alfabéticas, tá, porque o processo de pré-silábico, silábico alfabético, silábico sem valor, alfabético, tá, então a criança, vem assim, de casa né, com pouca bagagem. (MF)

Perante os desafios da pandemia no processo de ensino e aprendizagem, sabemos que a família possui uma parcela de influência nesse processo do aprender, porém sem a sua ajuda durante a pandemia podemos afirmar que os alunos tiveram dificuldades de aprendizado devido a dificuldades de acesso às tecnológicas e a negligência e despreparo dos pais, evidenciando então quão fundamental é a escola e o papel do professor durante o processo de aprendizagem. Segundo Abbud (2020):

Esse cenário atual, com a decorrente necessidade de distanciamento social, colocou-nos em uma situação bastante desafiadora. Para as escolas, em especial as de Educação Infantil, o desafio que se apresentou foi realmente grande, pois a interação presencial, o olhar, o toque e o colo são aspectos indissociáveis do próprio papel educacional com crianças pequenas (ABBUD, 2020, p. 6)

Outro pertinente resultado está demonstrado nos resultados da tabela 7, em que relata a opinião das professoras sobre as estratégias de avaliação no processo de

alfabetização.

Formação inicial	Devolutivas das Atividades	Participação da família	Tirar dúvidas	Avaliação do Processo (Atividades)	Sem avaliação efetiva
Ciências biológica, criminalista e medicina legal	0	0	0	1	0
Bacharel em Direito	0	1	0	1	1
Magistério com Habilitação	0	1	0	1	0
Pedagogia	1	1	1	2	0
TOTAL	2	3	1	5	1

Tabela 7 - Relação entre Formação Inicial e Estratégia Avaliação Alfabetização

Fonte: elaborado pelas autoras

Com referência a tabela 7, os resultados nos mostram que na relação entre o atributo das entrevistadas Formação Inicial e a categoria de análise Estratégias de Avaliação – Alfabetização, verificamos que na totalidade das unidades de texto/referências (5), todas as entrevistadas afirmaram realizar a avaliação para saber se a criança estava aprendendo, através do processo de participação com a entrega de atividades, e na totalidade das unidades de texto/referências (3) avaliaram a participação da família mediante a busca e entrega das atividades na escola. Como exemplo, apresentamos algumas falas das participantes.

[...], então teve famílias, teve crianças que davam as devolutivas das apostilas realizadas, dos engajamentos nas Lives, né, e no tirar das dúvidas, todos os dias, então sempre se manteve e comunicação, mas teve outras famílias que não, então é difícil você ter uma régua né que você corta, então eu preferi avaliar como se fosse um processo.

[...], então foi muito, muito, muito trabalhoso, porém aqueles que participavam os pais, ia na escola buscar as atividades na segunda feira, e entregavam na sexta feira, todas as atividades, é tivemos de se adequar ne, é... com os métodos ne de lecionar, foi muito, muito complicado, foi um obstáculo, como se diz, as crianças, aqueles pais que conseguiram, como se diz, ter acesso a internet, né, foi, foi bom.

O processo de avaliação dos professores não teve eficácia pelo fato da falta de devolutiva das atividades pelos pais. Os professores tiveram de se desdobrar para tentar fazer com que as atividades para o desenvolvimento da alfabetização decorressem com sucesso, mas em muitos casos não foi possível. Pela dificuldade do professor em ensinar e de analisar o aprendizado da criança não houve uma avaliação completa a respeito da desenvoltura das crianças. Segundo Ramos (2021, p.15):

O ato de avaliar a aprendizagem dos alunos é uma maneira de tornar a forma de ensinar e aprender satisfatória. Sendo assim, o processo de aprender está

ligado ao processo de ensinar do professor. Essa avaliação deve ser gradual, contínua e que abranja todas as características de aprendizagem dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia como ferramenta de ensino é uma grande aliada, a pandemia mostrou que juntas à docência e os recursos midiáticos podem se perfazer, porém existem outros problemas que intervêm nessa relação, a desigualdade educacional está presente e impede com que todas as crianças tenham o direito total à educação. A presente pesquisa surgiu com a finalidade de analisar os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem das professoras da educação básica de uma escola pública na área da alfabetização, com o uso de métodos e tecnologia por meio de aulas remotas no período da pandemia.

Analizamos que o professor possui papel de suma importância para a mediação do ensino, pois o docente possui a capacidade de em contato com a criança, despertar o desejo pelo aprender. Acredita-se que as tecnologias são um ótimo meio para “agregar” o lúdico e complementar as aulas, porém, nem todos os alunos têm acesso ou sabem utilizá-la da maneira correta, é necessário entender o papel da tecnologia diante do ensino e aprendizagem.

Diante da pesquisa, verificamos grande dificuldade de acesso aos recursos para que a aprendizagem pudesse ser realizada, outro ponto foi que os pais não estavam preparados para lidar com o ensino remoto em casa. A negligência da família também foi uma das causas para que as crianças não conseguissem um pleno aproveitamento no processo de aprendizagem. Possivelmente pelo fato de algumas crianças terem residência fora da zona escolar. Foi possível também confirmar que houve a insuficiência do aprendizado das crianças, já que os pais não conseguiam realizar juntos com as crianças o que os professores solicitavam nas atividades.

Os desafios e efeitos ocasionados pela pandemia do COVID-19 presentes atualmente, foram a defasagem na aprendizagem, a carência na socialização das crianças nesta fase da aprendizagem e com isso a necessidade de relação social e problemas ao que concerne aos aspectos psicológicos da criança. Contudo, verificamos pelos resultados, que as professoras foram empenhadas e usaram de estratégias diversificadas para contribuir no desenvolvimento da aprendizagem das crianças durante a pandemia, como por exemplo o material didático e apostila, vídeos, produção de vídeos e a plataforma Whatsapp. Entretanto, apesar de todos os esforços, não se sabe ao certo se daqui a 20 anos ainda será possível ver os rastros da pandemia na educação, esperamos que os efeitos mais gritantes sejam provisionados e que se possa conseguir ajudar as crianças que ficaram com defasagem no processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

ABBUD, I. **Escola, famílias e crianças continuidade e regularidade**. São Paulo: Biruta, 2020.

BANCO MUNDIAL. **Of year olds now in learning poverty unable to read and understand**. World Bank, June 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/06/23/70-of-10-year-olds-now-in-learning-poverty-unable-to-read-and-understand-a-simple-text#:~:text=Banco%20Mundial%3A,vivem%20em%20Pobreza%20na%20Aprendizagem>. Acesso em 15 set. 2022.

BARBOSA, L. N. F.; MELO, M. C. B.; CUNHA, M. C. V.; ALBUQUERQUE, E. N.; COTSA, J. M. Frequência de sintomas de ansiedade, depressão e estresse em brasileiros na pandemia COVID-19. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant**, 21 (Supl.2): 5421-5428, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf.

BRASIL. Lei nº 64.862/20 nº 10.406, de 13 de maio de 2020. Institui o Código Civil. **ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO**, 13, Març, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRITO, M. C. R.; SENRA, R. E. F.; LUIZ, T. C. Educomunicação na pandemia. **Anais VII CONEDU - Edição Online...** Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68482>. Acesso em: 21 Set. 2022

CUNHA, P. A. (2020). A pandemia e os impactos irreversíveis na educação. **Revista Educação**. Recuperado de: <https://revistaeducacao.com.br/2020/04/15/pandemia-educacao-impactos/>

FAUSTINO, L. S. S.; SILVA, T. F. R. S. “Educadores frente à pandemia: dilemas e intervenções alternativas para coordenadores e docentes”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 7, 2020.

FERNANDES, T. P. **Construção do conhecimento**: teorias e concepções. *Jornal Tribuna*, [S.l.], p 5, 6 abr. 2022. Disponível em: <https://jornaltribuna.com.br/wp-content/uploads/2022/04/Artigo-contrucao-do-conhecimento.pdf>. Acesso em: 6 Set. 2022.

FOCHI, P. (15 de Jun de 2020). 1 Live (2:10:00). **Plenária Virtual**: Questões para pensar a Educação Infantil na pandemia. Acesso em: 16 Set. 2022. Disponível em Publicado no 15 canal do Fórum Gaúcho de Educação Infantil: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2KkWdjEzJs>.

LINHARES, M. B. M., ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 2020.

MAINART, D. A.; SANTOS, C. M. A importância da tecnologia no processo ensino-aprendizagem. In: CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO, 7, 2010. **Anais...**, 2010. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_1201.pdf. Acesso em 29 Agost. 2022.

MERCADO, L. P. L. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital online**. *Revista UFG*, v. 20, n. 26, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 30 ago. 2022

MORTATTI, M. R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil. **Seminário Alfabetização e Letramento em Debate**, p. 1-16, 2006.

MORTATTI, M. R. L. Uma proposta para o próximo milênio: o pensamento interacionista sobre alfabetização. **Presença pedagógica**. v. 5, n. 29, p. 22-27, set./out. 1999.

NOGUEIRA, J.; SILVA, M. G. Alfabetização e letramento na educação infantil. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, v. 1, n. 5, p. 161-168, 2018

RAMOS, R. C.; SARMENTO, D. F.; MENEGAT, J. Avaliação da aprendizagem no contexto da pandemia: concepções e práticas docentes. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 32, e08170, 2021.

RODRIGUES, A. (2020). Ensino remoto na Educação Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia. **SBC Horizontes**, jun.. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/ensino-remoto-na-educacao-superior>. Acesso em: 25 de set. 2022;

SANTANA, T. **Pós pandemia: como estimular o cérebro de crianças e adultos na retomada das atividades presenciais**. BAND NEWS, 22, out. 2022. Disponível em: <https://bandnewsfmc Curitiba.com/pos-pandemia-como-estimular-o-cerebro-de-criancas-e-adultos-na-retomada-das-atividades-presenciais/>. Acesso em: 01 nov. 2022

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SOARES, M. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p. **Práxis educativa**, v. 15, p. 1-6, 2020.

TENENTE, L. (2020). Sem Internet, Merenda e Lugar para Estudar: veja obstáculos ensino à distância na rede pública durante a pandemia de Covid-19. **G1 Globo**, 5 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/05/sem-internet-merenda-e-lugar-para-estudar-veja-obstaculos-do-ensino-a-distancia-na-rede-publica-durante-a-pandemia-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 11 set. 2022.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em 23 set. 2022.

VOLLBRECHT, R. **Einführung in die Medienpädagogik**. Weinheim: Beltz Verlag, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.